

PATRONO – ADALZIRA BITTENCOURT

Uma mulher coerente com o seu tempo

Por Hildenê Landau

Ouso afirmar, com base em minha pesquisa e já agora “conhecendo” as diversas dimensões da natureza de minha patrona Adalzira Bittencourt, que tivesse ela sorte de viver neste meu tempo de extraordinária amplitude do conhecimento humano, sua utopia, o Brasil do ano 2500 estaria alicerçado na valorização da ética e na contemplação da diversidade.

Quis o acaso que, depois de perambular por esse “mundo de Deus”, eu viesse me aconchegar num cantinho da cidade de Bragança Paulista, em meio a um “mar de morros” no planeta Terra, à latitude 22º57’31” Oeste, longitude 46º32’31” Oeste.

A cidade me deu chão, amigos, trabalho, orquídeas. Fiz-me docente, ganhei discípulos e, com eles, a esperança de garantir minha “permanência” na lembrança de alguns.

Por conta desses atributos, tive de ser convidada para ocupar a Cadeira nº I, na época de sua formação, da Academia Bragantina de Letras (ABL). Cadeira nº I patroneada pela notável Dra. Adalzira Cavalcanti de Albuquerque Bittencourt Ferreira.

Enquanto boa parte de meus pares, bragantinos natos, alguns descendentes de patronos, mergulhavam seguros no mar do conhecimento, da intimidade, da aceitação e da memória de seus homenageados, eu, ainda me sentindo meio “forasteira”, um tanto titubeante, me impus o dever de honra de bem conhecer Adalzira Bittencourt de modo a merecê-la e fazer-lhe o “Elogio” de praxe nas academias.

Resolvi então, por absoluta falta de experiência com outro recurso metodológico, fazer aquilo que fiz em boa parte de minha vida de trabalho, ou seja, rastrear, na prática ou teoricamente, causas necessárias de doenças ou danos à saúde das pessoas. Apoiada nesse método busquei conhecer Adalzira em sua fina dimensão humana e complexidade

social e política. Quis conhecer mais; sua compleição, seu caráter, seus talentos, sua poesia, sua contribuição para a sociedade de seu tempo, para a posteridade e, acima de tudo, a natureza de seu pensamento. Com o objetivo de conhecê-la, fui fundo em muito do que escreveu e do que sobre ela havia escrito. Na busca, me encantei, me surpreendi, me inquietei, refleti, tolerei, aprendi.

Era preciso não me deixar cair na tentação de, comodamente, continuar a “engrossar o caldo”, isto é, seguir escrevendo apenas com base na bibliografia existente. Embora mais difícil, percebi legítimo ousar, ir um pouco além e, se possível, buscar fontes de informações primárias. Sobre biografias, pareceu-me não haver nada mais esclarecedor e definitivo do que aquela feita pela própria Adalzira, constante em uma de suas publicações. Além disso, tomei conhecimento da existência de um criterioso trabalho elaborado pelo Dr. Juracy Toricelli, publicado em 22 de fevereiro de 1992, no livro dos Patronos da Associação dos Escritores de Bragança Paulista (ASES), com uma interessante análise literária das principais obras de Adalzira. Um artigo de autoria do Dr. Paulo Eduardo de Oliveira, intitulado “Adalzira Bittencourt, uma feminista bragantina que sonhou com um Brasil moderno”, publicado no Bragança Jornal Diário em 8 de março de 2005, em comemoração ao “Dia Internacional da Mulher”, aborda vários aspectos de sua vida e de sua personalidade como “exemplo, orgulho e raça da Cidade Poesia, Bragança Paulista”.

De forma sistemática, iniciei minha pesquisa por Bragança Paulista, local onde começou seus estudos. Biblioteca Municipal, que guarda seu nome, homenagem à cidadã ilustre em agradecimento pela doação do acervo de sua biblioteca constituída de seis mil volumes. Poucas das obras doadas encontram-se ali, sendo ignorado o destino das demais.

No Centro de Documentação da Câmara Municipal, obtive informações importantes e colaboração de seus funcionários. Em seguida, entrevistei pessoas, consultei arquivos de órgãos públicos, de instituições de ensino e da imprensa. Na ASES me foram disponibilizadas obras importantes de sua biblioteca, além de sugestões de como nortear minha busca.

Com as informações até então recolhidas, dei-me conta de que boa parte de sua atuação social e política deveria ter tido como cenário a cidade do Rio de Janeiro, ainda Capital da República e centro nevrálgico do governo, das relações diplomáticas, das atividades culturais e da vida social do País.

Comigo, uma pequena máquina fotográfica e um gravador de fita, viajei de carro para o Rio. Ali localizei, na Praia do Flamengo, frente ao mar, o prédio de número 82, onde Adalzira possuía um apartamento no qual residiu por vários anos. Viajando sozinha, por várias vezes me surpreendi divagando entre as possibilidades de tê-la encontrado em lapsos de tempo visto ter eu residido próxima a ela e visitado várias vezes a cidade de Petrópolis, onde ela havia adquirido uma suíte no hotel Quitandinha, no qual, de acordo com um de seus escritores, se refugiava para descansar e escrever.

Sentada no jardim que faz frente ao magnífico prédio do hotel, deixei que meu pensamento vislumbrasse, em meio a recordações fugidias, a imagem da Adalzira, bonita, exuberante, orgulhosa de seu porte e graça, num Cadillac conversível, com amigos, políticos e intelectuais, entre serpentinas, confetes, lança-perfumes Rodo Metálico, desfilando em um dos famosos corsos organizados pelo hotel para seus hóspedes e convidados famosos. Sim, ela deve ter “vivido” as fotos que chegavam a nós pela revista “O Cruzeiro”, a “Caras” da época.

Fontes eletrônicas me indicaram a Universidade Federal de Santa Catarina, onde um de seus romances foi objeto de magnífica monografia elaborada pela Professora Bernadete Ramos, a qual contribuiu muito para o meu entendimento do pensamento político e das convicções ideológicas de Adalzira. Essa monografia, intitulada *No Brasil dos Meus Sonhos: Feminismo e Modernismo na Utopia de Adalzira Bittencourt*, ofereceu-me sustentação preciosa para este ensaio.

Viagens à Flórida (EUA) e a Buenos Aires (Argentina) me permitiram localizar vestígios de Adalzira e a perceber a amplitude de seu raio de ação intelectual, político e social.

Naquele momento senti ser impossível sintetizar o resultado do todo de minha pesquisa na matéria solicitada para compor este livro dos Patronos da ABL.

Propus-me então, num futuro próximo, estender este trabalho com vistas a uma publicação mais profunda e abrangente. Assim decidi resumir aqui “um tanto” de fatos, questionamentos e reflexões sobre a vida de Adalzira, baseada principalmente em suas publicações. Devido a interessantes coincidências envolvendo minha própria trajetória política no Rio de Janeiro, entre 1948 e 1963, concluí termos militado em campos políticos absolutamente antagônicos.

Esse antagonismo, em princípio e por razões de coerência, me impediria de fazer-lhe o “Elogio” objeto deste trabalho. Entretanto, envolvida em sua história e com suas estórias, procurei tecer uma “trama fractal” com minhas próprias vivências e percepções.

Além disso, boas conversas com amigos próximos, mais afeitos aos “ofícios” da literatura, da sociologia e da história, me fizeram não perder de vista a importância de situar o objeto da pesquisa histórica, no caso o ser Adalzira, no contexto do espaço e do tempo nos quais interagiu. Do mesmo modo, uma releitura da tese de doutoramento da acadêmica Nádia Bádue Freire, intitulada “Educação para Paz: um Estudo Psicogenético sobre a Tolerância”, estimulou-me a melhor compatibilizar minha atitude afetiva com o entendimento cognitivo (resultado de uma primeira leitura) para o exercício da tolerância, possível, com nossas diferenças de pensamento.

Essas reflexões me possibilitaram assumir uma postura senão de neutralidade, mas da necessária isenção emocional para analisar e compreender o pensamento de Adalzira. Assim busquei a gênese de suas convicções ideológicas a fim de entender a aparente disparidade entre seus primeiros escritos de prosa e poesia marcados por uma estética profundamente humana e singela com a contundência expressa em seu romance “Sua Excelência, a Presidente da República no ano de 2500”, considerada por alguns estudiosos sua “masterpiece”, entre eles, nosso renomado escritor Monteiro Lobato.

Naquele romance, o Brasil do futuro de seus sonhos seria constituído por uma sociedade “autenticamente brasileira”, moderna, eminentemente feminista.

O povo, formado por uma “raça superior”, homogênea, higienizada num refinado processo de “evolução artificial”, se tornara bonito, culto e inteligente e o Brasil rico, aceito e reconhecido entre as grandes nações do mundo.

Esse mundo “altamente evoluído” borbulhava no frenesi das idéias de Leonard Darwin, do aprimoramento das “raças não-puras” por intermédio de práticas eugênicas implementadas eficientemente por algumas nações, entre elas a Alemanha e, em escala menos trágica, a Inglaterra e os Estados Unidos.

Aquelas idéias estavam naquele momento da história sendo assumidas com entusiasmo por um grande número de intelectuais, artistas, cientistas, eruditos, educadores, etc.

Profundamente inserida no seu tempo, Adalzira quis, e para isso trabalhou, um Brasil grande, importante e moderno; como ela, grande parte da “intelligentsia” brasileira.

Por seu empenho na defesa das suas idéias, conquistou a confiança do governo brasileiro, tendo assim assumido funções de destaque junto ao mesmo. Tinha acesso fácil ao Palácio do Catete, na época de Getúlio Vargas, bem como ao alto escalão político, militar e administrativo do país.

Mediou intercâmbios entre Brasil e instituições estrangeiras, especialmente de âmbito educacional. Como representante informal do governo brasileiro, visitou a Itália, os Estados Unidos, o Japão e a Holanda, onde, por volta de 1929, completou seus estudos de Direito Internacional. Viveu quatro anos na Argentina, tendo, segundo Peggy Sharp, lecionado em uma universidade, apresentando palestras sobre a literatura e cultura brasileiras e participado do movimento eugênico pan-americano então vigente.

Advogada, ativista social, pacifista e feminista convicta, envolveu-se profundamente com os problemas da criança brasileira. Intelectualmente de grande quilate, transitava livre e confortavelmente no mundo considerado civilizado. Aqui há de se entender Adalzira e sua extraordinária atuação no cenário brasileiro, não só na turbulência modernista da época e sim como consequência de uma conjunção de variáveis determinantes de suas convicções.

Muito cedo aprendeu a se orgulhar de ser oriunda de tradicional família do Rio Grande do Sul, pelo lado paterno, e da aristocracia nordestina por ascendência materna. Nasceu em 1901, branca, olhos negros e brilhantes, em berço privilegiado; criança viva, inquieta e talentosa; adolescente brilhante, mulher inteligente, culta, sensível e com aquele talento que não se permitiu desperdiçar. Determinada e ousada na busca de uma felicidade idealizada não só para si, mas para todos que entendeu serem os agentes da construção e engrandecimento da terra promissora que herdara de seus ancestrais. Adalzira orgulha-se de descender de heróis nacionais como o Marechal Carlos Machado Bittencourt, Ministro da Guerra de Prudente de Moraes. Extraordinária é a descrição que ela mesma faz sobre como o General Bittencourt morreu apunhalado pelo anseçada Marcelino Bispo de Melo, aparando com seu coração o golpe do punhal que deveria matar o Presidente da República.

De sofisticada tradição brasileira de refinamento, tendo como contraponto o que era considerado mazelas do colonialismo representadas por descendentes de negros libertos após longo período de escravidão somadas a uma grande população de gente miscigenada representada por mulatos, cafuzos, caboclos e de um contingente considerável de imigrantes oriundos de “castas” sem qualquer traço de fidalguia.

Sempre em busca de um melhor entendimento de suas convicções ideológicas, deparo-me com Adalzira, nas décadas de 1920-1930, em meio à fúria intelectual modernista, com seu ideário eminentemente nacionalista e com o marco referencial na Semana da Arte Moderna de 1922. É aí, nessa “paulicéia desvairada” que ela aporta, provavelmente deslumbrada com as possibilidades de um grande Brasil do futuro, em meio a um movimento bizarro, ideologicamente híbrido, por conta de antagonismos como, por exemplo, de um Plínio Salgado de orientação absolutamente fascista e de um Oswald de Andrade de orientação eminentemente comunista.

O alvorecer dos anos 20 vai acolher essa jovem de 16 anos já brilhando na “[...] gloriosa Faculdade de Direito de São Paulo, o nobre templo do Largo São Francisco”, discípula de juristas ilustres como Alcântara Machado, Cândido Mota, Herculano de Freitas, Francisco Morato, entre tantos outros.

É fácil inferir que aí, no “nobre templo do Largo São Francisco” comecem a emergir, como crócus viçosos nas primeiras horas da primavera, as idéias de Adalzira que norteariam suas ações e que engendrariam a fantástica utopia de um Brasil moderno, livre, civilizado, projetado para um futuro distante em que todos os seus sonhos, anseios, desejos e esperanças estariam concretizados num país sem “crise financeira”, câmbio baixo, solo vazio, gente analfabeta, capital estrangeiro, cientistas estrangeiros, corrupção, políticos autocratas, chatos e estúpidos. Uma nação em que não haveria mirrados, neurastênicos, trigueiros, doentes, feios, pobre, malcriados; homens de barbicha rala e fala fina, quase sempre tendo nas veias um pouco de sangue negro e, por isso mesmo, preguiçosos e indolentes ... cheios de taras e doenças. Mulheres raquíticas ou de excessiva gordura balofa, estéreis, sardentas, espinhentas, cabotinas e feias”.

Ela se preparou, se colocou, se expôs. Não sei se deu-se conta dos riscos do julgamento da posteridade; possivelmente, não, tal sua convicção, ou melhor, sua crença absoluta, quase sobrenatural, de que pensava e agia de forma coerente com a moral de seu tempo. Uma grande falange de eruditos pensou e fez como ela. Não sei o quanto buscaram enveredar pelos tranquilizadores caminhos da ética. Adalzira tinha certezas, se orgulhava delas, talvez por isso tenha amplamente documentado suas idéias e suas ações.

Pretendo continuar este trabalho norteador-me pela procura daqueles documentos, sempre buscando melhor entendimento da natureza do pensamento dessa mulher extraordinária e contraditória.

Por esclarecedor, transcrevo trecho de um impressionante artigo de Peggy Sharp, publicado na *Revista Estudos Femininos*, no artigo *Trinte e Sete Dias em Nova Iorque com Adalzira Bittencourt*.

“De fato, não é o caso aqui de se minimizar a natureza ofensiva das posturas elitistas de Bittencourt ou mesmo de passar por cima de sua falta de sensibilidade quanto a questões de raça e classe social em razão de suas observações sobre o impacto de reformas eugênicas positivas nos Estados Unidos e de sua visão de si como defensora das crianças brasileiras. Trata-se, isto sim, de ressaltar que suas observações

demonstram concretamente que ela compartilhava com seus contemporâneos as mesmas preocupações sobre como a nação brasileira, em sua ambição de vir a ser reconhecida como potência mundial, poderia ser dirigida ao futuro nas mãos de uma geração miscigenada, a qual, posicionada em uma situação de profunda desvantagem, estaria ainda incapacitada para liderar. Embora diversos aspectos das opiniões de Bittencourt a respeito das reformas sociais, educacionais e da saúde permaneçam intratáveis, tendo em vista a ideologia racista inerente às propostas eugênicas de várias décadas, sua carreira como escritora, advogada, feminista, ativista social e educadora por ser compreendida, em última análise, como um projeto de vida dedicado ao desenvolvimento do País com o objetivo de se estabelecer um novo mundo nos trópicos.”

Idéia fundamental e marcante da utopia que constituiu “Sua Excelência, a Presidente da República no ano de 2500”, além da “melhoria da raça”, é a convicção do papel das mulheres no processo de transformação do Brasil pobre, feio e inculto no país de seus sonhos em que elas teriam o destaque, enquanto gênero, que merecem na sociedade.

Era o feminismo da mulher “atrás de todo homem bem-sucedido”; formada nas escolas de moças que grassavam nos “colleges” americanos e ingleses e, em menor número, também no Brasil.

Hábéis no trato da economia doméstica e na organização de movimentos “feministas” de defesa da família e conscientes de seu papel nesse contexto.

Essa convicção fez de Adalzira feminista exaltada, empenhada e combativa, cujo trabalho ensejou vários estudos posteriores, entre eles uma excelente análise de Susan Quinlan e Peggy Sharp, de 1996.

De acordo com Bernadete Ramos, o “feminismo de Adalzira” insere-se na linha do Partido Republicano Feminino nos anos 1920-1930 e no discurso hegemônico que enfatizou a maternidade como missão da mulher no projeto de regeneração nacional e do cultivo da raça sob as leis de eugenia que se espalharam pelo mundo ocidental.

No início deste ensaio, me propus a “conhecer” Adalzira. Sou consciente de não ter atingido inteiramente meu propósito.

Não consegui localizar seus descendentes; os arquivos que consultei deixaram a desejar como fonte de informações para as minhas dúvidas e curiosidades. Ainda assim, acredito ter conseguido me “aproximar” de minha Patrona e concluir ter sido ela personagem importante no panorama político, social e intelectual do Brasil de seu tempo.

Finalizando, reafirmo que este ensaio apenas tangencia o magnífico universo de Adalzira Cavalcanti Albuquerque Bittencourt Ferreira. Universo complexo e instigante que continuarei a explorar, de uma mulher extraordinária que viveu apaixonadamente seu tempo, absolutamente sintonizada com um dos polos ideológicos daquele momento da História brasileira. Para ela não havia uma terceira alternativa ideológica: a boa esperança que hoje nos é oferecida, a não ser a confortável neutralidade dos oportunistas de sempre, que ela jamais adotaria.

Aqui começo a sentir aquea leve nostalgia do “e agora, José?”

Adalzira entrou pouco a pouco em minha vida perturbando-me; em minha casa, desarrumou meus livros, encheu todos os cantos vazios com rascunhos, folhas xerocopiadas, recortes de jornais, fotos dela, reproduções de seus brasões, de seu fac-símile.

Cópias de separatas de revistas com matérias dela e sobre ela acumularam-se em minha escrivaninha. Em meu *notebook* pastas de arquivos foram abertas. Seu nome tornou-se corriqueiro em minha vida e entre minha família e meus amigos. Gosto dela, de sua bravura, inteligência, beleza, coragem e talentos. Ela me instigou e me instiga. Já tenho saudades dos pensamentos que sobre ela me acompanhavam em meus caminhos e das emoções contraditórias que transitavam num gradiente sutil, da raiva feroz de suas idéias à extraordinária admiração temperada por uma pitada inconfessável de inveja por ter ela bem marcado seu tempo.

Briguei com ela, “tentei dissuadi-la” de suas certezas e impor a ela meu jeito trigueiro, resultado dessa miscigenação que ela tanto negou, hoje biológica e socialmente desejáveis.

Consola-me a idéia de que voltarei a encontrá-la nos documentos que deixou, em algum lugar do futuro ou, apesar de sem qualquer sustentação teórica, no passado; quem sabe?